



## A INOCÊNCIA NOS DIFERENTES ESPAÇOS DE *A PRINCESA E O GOBLIN*, DE GEORGE MACDONALD

SILVA, Ana Laura de Brum Kury da<sup>1</sup>

**RESUMO:** George Macdonald (1824-1905), escritor escocês do século XIX, é considerado um grande autor de ficção para crianças e adultos em países de língua inglesa. Embora tenha crescido dentro dos ensinamentos calvinistas, e que suas obras sejam comumente analisadas a partir do viés religioso, também se pode levar em conta a importância que MacDonald dava para a Natureza. O autor era conhecido por atribuir à Natureza o desenvolvimento do conhecimento – ou seja, o contato com ela permite às pessoas conhecer e entender o mundo (MACDONALD, 1893). MacDonald afirmava que essa relação incentivava o indivíduo, independentemente da idade, a confiar na imaginação e no irracional, pois é a partir dessa confiança que, de acordo com o autor, pode-se encontrar verdades que não são possíveis reconhecer ao acreditar apenas na racionalidade. Na obra *A princesa e o goblin*, os níveis dessas relações com a Natureza podem ser percebidos de acordo com o espaço habitado pelos personagens. Nosso interesse em destacar este aspecto da obra é reforçado não apenas pela pouca visibilidade do autor no Brasil, mas também porque suas obras são comumente estudadas através da religião que, embora seja pertinente conhecendo o histórico do autor, não abrange alguns elementos que consideramos importantes.

**PALAVRAS-CHAVE:** imaginação, inocência, Natureza, crítica genética.

## THE CHILDLIKENESS IN THE DIFFERENT SPACES IN *THE PRINCESS AND THE GOBLIN*, BY GEORGE MACDONALD

**ABSTRACT:** George MacDonald (1824-1905), a Scottish writer from the 19th century, is considered a great writer of children and adult fiction in English speaking countries. Although he grew up within

---

<sup>1</sup> SILVA, Ana Laura de Brum Kury da. Mestre pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Atualmente professora de inglês na educação básica. Email: anabrumk@gmail.com



Calvinist teachings, and that his works are usually analysed through a religious view, it can be also taken into consideration the importance MacDonald gave to Nature. The author was known to attribute to Nature the development of knowledge – in other words, the contact with it would allow people to know and understand the world (MACDONALD, 1893). MacDonald affirmed that this relation motivated the individual, regardless of their age, to trust in the imagination and the irrational, because it is through this trust that, according to the author, truths that are not possible to recognize only by believing in rationality can be found. In the book *The princess and the goblin*, the levels of these relations with Nature can be acknowledged according to the space occupied by the characters. Our interest in highlighting this aspect of the book is reinforced not only by the author's lack of visibility in Brazil, but also because his works are commonly studied through religion that, although is pertinent considering the author's history, does not embrace some elements we consider important.

**KEY-WORDS:** imagination, childlikeness, Nature, genetic criticism.

## INTRODUÇÃO

George MacDonald (Aberdeenshire, 1824 – Surrey, 1905), foi um autor escocês amplamente prestigiado na Inglaterra, Escócia e Estados Unidos no século XIX. Embora a época aclamasse obras literárias realistas – com as quais o autor também fez sucesso –, MacDonald ousava ao escrever histórias de fantasia (REIS, 1972, p.30). Uma de suas histórias mais famosas nesse gênero é *A princesa e o goblin* (1971). Na obra temos a princesa Irene, uma menina de cerca de oito anos que, ao explorar escadas desconhecidas na casa de campo da família, descobre uma mulher morando no alto de uma torre. A mulher, que parecia ser muito jovem diz ser, na verdade, sua tetravó. Em paralelo à história de Irene, narra-se a história do menino Curdie, um pequeno mineiro de doze anos que salva Irene e sua babá, Lootie, de goblins, seres horríveis e vingativos que viviam em um mundo subterrâneo.

Há vários estudos e análises sobre *A princesa e o goblin*, principalmente relacionando a história a preceitos cristãos – MacDonald fora, afinal, criado em uma família calvinista e, durante alguns anos, foi ministro em uma igreja calvinista. Foi justamente por causa de sua recusa a algumas ideologias do credo, assim como pensamentos considerados à frente de seu tempo, que MacDonald foi destituído de seu cargo na igreja. Assim, embora uma das influências de maior peso nas obras do autor seja a religião, ele atrelava-a à espiritualidade. Neste trabalho, não propomos a irrelevância de análises que tomam a religião como aspecto

mais importante, mas destacamos que há outros caminhos que podemos tomar quanto aos estudos das obras de MacDonald.

Além de romances, MacDonald também escrevia sermões e ensaios. Há três ensaios em especial que são fundamentais para a análise que propomos neste artigo: “The imagination: its functions and its culture” (1867), “A sketch of individual development” (1880) e “The fantastic imagination” (1892), todos presentes em *A dish of Orts* (1892). Nos três textos podemos encontrar a importância que MacDonald dava à Natureza como acesso ao conhecimento – em outras palavras, quanto mais acesso uma criança tivesse a ela, melhor ela seria pois, para o autor, a Natureza permitia às crianças ter o olhar desimpedido para a imaginação, a qual levava a descobertas que a razão não permitia. MacDonald chamava essa abertura de *childlikeness* que, neste trabalho, vamos traduzir para *inocência*. Quando mais racional e incrédulo aquilo que não se pode ver, MacDonald chamava de *childish*, que chamaremos de *imaturo*.

Utilizando como base os ensaios já citados, este trabalho irá analisar os espaços presentes na obra *A princesa e o goblin* considerando as relações que os personagens que habitam cada espaço têm com a Natureza. Iremos, desta forma, atribuir a cada um características que, de acordo com MacDonald, seriam consideradas inocentes e imaturas, dentro de cada espaço.

## **A PRINCESA E O GOBLIN NA HISTÓRIA**

*A princesa e o goblin* pode ser considerada a obra prima de livros infantis de George MacDonald e, de acordo com alguns autores, até mesmo uma das melhores histórias para crianças já escritas. Auden sugere mesmo que a obra é “o único livro inglês na mesma classe que os livros de Alice”<sup>2</sup> (AUDEN, 1954, p.15). Não é à toa que, com uma rápida pesquisa no site *Good Reads* (página online de recomendação de livros), podemos descobrir que *A princesa e o goblin* é o livro do autor com maior número de edições, publicadas principalmente do final da década de 90 até hoje.

Publicada pela primeira vez entre 1870 e 1871 de forma seriada na revista *Good Words for the Young*<sup>3</sup> – que na época era, inclusive, editada pelo próprio MacDonald –, *A princesa e o goblin* foi publicada em formato de livro em 1871 pela editora Strahan & Co, que também

---

<sup>2</sup> “The only English children’s book in the same class as the Alice books”

<sup>3</sup> Inspirada na revista *Good Words*, da mesma editora, *Good Words for the Young* foi publicada pela primeira vez em 1868 e seus vários editores eram também autores de obras para crianças e adultos – como, por exemplo, Hans Christian Andersen.



publicava outras obras do autor. Logo em seguida, em 1872, a editora americana J. B. Lippincott & Co também publicou uma edição, como se pode ver na folha de rosto abaixo:

**Imagem 1 – Página de rosto da edição de 1872**

THE PRINCESS AND  
THE GOBLIN.

By GEORGE MAC DONALD,

AUTHOR OF "RANALD BANNEMAN," "ALEC FOREER," "ROBERT FALCONER,"  
"ANNALS OF A QUIET NEIGHBORHOOD," ETC.

WITH NUMEROUS ILLUSTRATIONS.

PHILADELPHIA  
J. B. LIPPINCOTT & CO.  
1872.

Digitized by Google

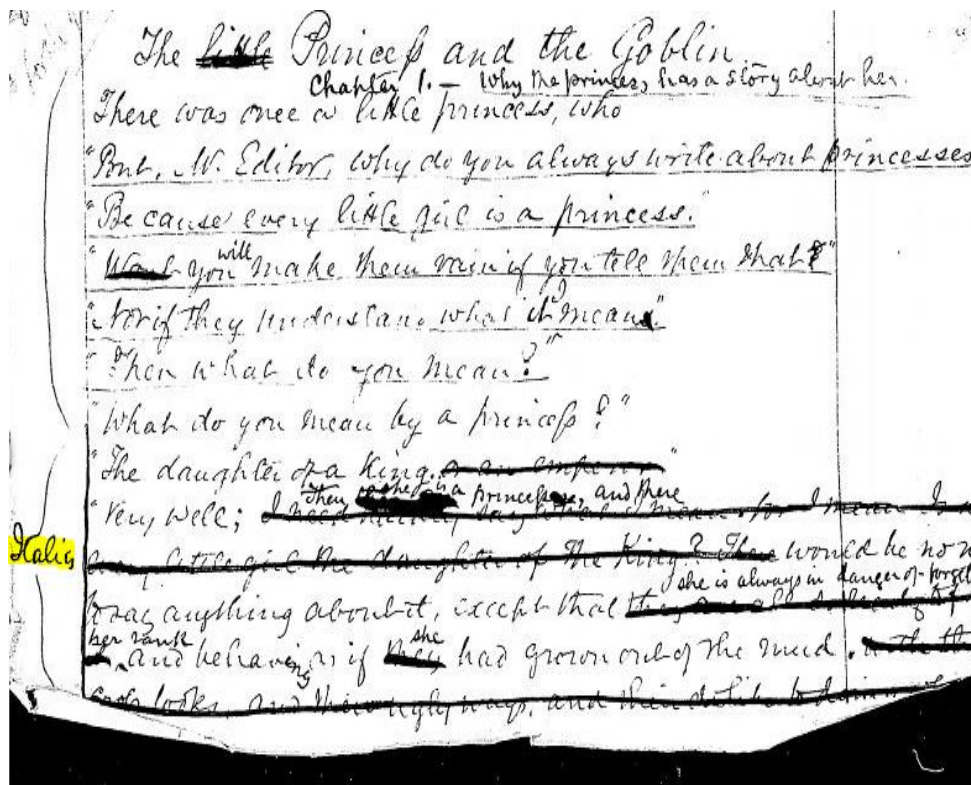
Fonte: MACDONALD, 1872.

Um dos motivos de *A princesa e o goblin* ter sido publicado com tanta rapidez nos Estados Unidos deve-se à popularidade do autor naquele país. No ano de 1872, MacDonald fora convidado a fazer uma série de palestras sobre literatura em universidades dos Estados Unidos. Durante esse período, o autor conheceu e tornou-se amigo de vários escritores americanos, entre eles Ralph Waldo Emerson e Walt Whitman. Sua relação com autores da época não se limitava aos que conhecera na América, muito pelo contrário. Um de seus grandes amigos era Lewis Carroll, autor de *Alice no País das Maravilhas* (1865). Sabendo da amizade entre os dois, a fala anterior de Auden torna-se ainda mais concreta, pois não é coincidência que *A princesa e o goblin* (1870) seja comparada à *Alice*.

Embora sejam contemporâneas e possuam elementos que as aproximam, *A princesa e o goblin* e *Alice* acontecem em mundos diferentes. A menina Alice é contemporânea ao seu autor, ambos vivem na Inglaterra vitoriana do século XIX. Já a princesa Irene vive em um mundo de contos de fada, ou seja, não sabemos onde nem quando. Como podemos ver no manuscrito da

obra e nos exemplos das edições abaixo, a narrativa começa, inclusive, com uma frase muito semelhante ao tão famoso “Once upon a time...” (“Era uma vez”, em inglês)<sup>4</sup>:

Imagem 2 – Página do manuscrito (1)



Fonte: Site da cidade de Aberdeenshire ([online.aberdeenshire.gov.uk](http://online.aberdeenshire.gov.uk))

Transcrição:

The Princess and the Goblin

Chapter 1 – Why the princess had a story about her

There was once a little princess who

“But, Mr. Editor, why do you always write about princesses?”

“Because every little girl is a princess.”

“You will make them vain if you tell them that.”

“Not if they understand what I mean.”

“Then what do you mean?”

“What do you mean by a princess?”

“The daughter of a king.”

“Very well, then every little girl is a princess, and there would be no need to say anything about it, except that she is always in danger of forgetting her rank, and behaving as if she had grown out of the mud.”

<sup>4</sup> Na tradução do manuscrito, optamos por utilizar a expressão “Era uma vez”, por ser conhecida por falantes do português brasileiro e remeter às obras tradições de contos de fadas.



## A Princesa e o Goblin

## Capítulo 1 – Por que a princesa tem uma história sobre ela

Era uma vez uma princesinha que

*‘Mas, Sr. Editor, por que você sempre escreve sobre princesas?’*

*‘Porque toda garotinha é uma princesa.’*

*‘Você as deixara convencidas se lhes disser isso.’*

*‘Não se elas entenderem o que eu quero dizer.’*

*‘Então o que o senhor quer dizer?’*

*‘O que você entende por uma princesa?’*

*‘A filha de um rei.’*

*‘Muito bem, então toda garotinha é uma princesa, e não haveria motivos para falar sobre isso, a não ser por ela estar correndo perigo de esquecer de sua posição, e se comportar como se ela tivesse surgido da lama’*

A escolha de “There was once a little princess who” / “Era uma vez uma princesinha que” indica a intenção proposital do autor em manter a imprecisão do **quando** e **onde**. Como Umberto Eco propõe, o verbo no pretérito imperfeito “nos diz que alguma coisa estava acontecendo no passado, mas não nos fornece nenhum tempo preciso” (ECO, 1994, p. 19), ou seja, só sabemos que a história da princesa Irene aconteceu em um passado anterior à narração da história. O uso desse tempo verbal em contos de fadas possui um objetivo fundamental desse gênero: o de sugerir ao leitor/ouvinte que o que está sendo contado pode ter realmente acontecido em algum tempo. Essa sugestão fortalece a relação entre o real e o imaginário.

Durante a narração da história, pode-se perceber que não é só o leitor/ouvinte que se encontra entre o limiar do real e do imaginário, mas também as personagens da história se veem atravessando esses domínios. Encontramos na princesa Irene a personagem que mais se envolve nesse tipo de movimento – ela é, afinal, a única personagem que consegue visitar todos os pequenos universos que encontramos em *A princesa e o goblin*. Para compreendermos a maneira que esses universos se relacionam com os personagens devemos desvendar esses lugares e suas funções na obra.

Em *A princesa e o goblin*, podemos apontar quatro espaços principais: a torre da tetravó, as áreas comuns da casa de campo, o chalé da família de Curdie, e o reino subterrâneo dos goblins. Começamos com a torre da avó.

### Imagem 3 – Ilustração presente na edição de 1911 da Blackie & Sons (1)



Fonte: MACDONALD, 1911, p.10

## OS ESPAÇOS NO MUNDO DA PRINCESA E DOS GOBLINS

Durante a história, vamos descobrindo diferentes cômodos da torre, mas não apenas isso. A visão que Irene tem do quarto é diferente daquela de Curdie. Na primeira visita da princesa à torre, esta é descrita como não tendo “mais móveis do que teria o quarto de uma mulher que ganhava seu pão tecendo. Não havia tapetes no chão – nenhuma mesa em lugar nenhum – apenas a roda de fiar e a cadeira ao seu lado”<sup>5</sup> (MACDONALD, 1920, p. 19).

---

<sup>5</sup> “There was hardly any more furniture in the room than there might have been in that of the poorest old woman who made her bread by her spinning. There was no carpet on the floor no table anywhere nothing but the spinning-wheel and the chair beside it.”

**Imagem 4 – Ilustração presente na edição de 1911 da Blackie & Sons (2)**

Fonte: MACDONALD, 1911, p.21

Na segunda vez que Irene visita a avó, esta leva a menina até o quarto de dormir da torre, o qual, para Irene, era

o quarto mais adorável que ela já havia visto em sua vida! Era grande e majestoso, e em formato de domo. Do centro caía um lustre tão redondo quanto uma bola, brilhando como a mais brilhante luz da lua, o que fazia visível tudo no quarto, embora não fosse tão claro que permitisse à princesa dizer o que eram algumas daquelas coisas. Uma grande cama oval estava no meio, com um dossel rosado, e cortinas de veludo ao seu redor de uma cor azul claro adorável. As paredes também eram azuis todas respingadas com o que pareciam estrelas pratas (MACDONALD, 1920, p. 118)<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> “the loveliest room she had ever seen in her life! It was large and lofty, and dome-shaped. From the centre hung a lamp as round as a ball, shining as if with the brightest moonlight, which made everything visible in the room, though not so clearly that the princess could tell what many of the thing's were. A large oval bed stood in the middle, with a coverlid of rose-colour, and velvet curtains all round it of a lovely pale blue. The walls were also blue spangled all over with what looked like stars of silver.”



**Imagem 5 – Pintura presente na edição de 1911 da Blackie & Sons (1)**

Fonte: MACDONALD, 1911, p.119

Quando Irene leva Curdie para conhecer a avó, porém, o que o menino vê é decepcionante, pois ao invés de ver uma sala limpa e aconchegante com a avó junto à máquina de fiar, ele apenas vê “um sótão grande e vazio – como o do chalé da minha mãe, mas grande o suficiente para caber o chalé inteiro dentro dele, e ainda sobrar” (MACDONALD, 1920, p.225)<sup>7</sup> e “uma banheira, um monte de palha velha, e uma maçã podre, e um raio de sol vindo de um buraco no meio do telhado” (ibid)<sup>8</sup>. Por que as crianças percebem a torre da avó de uma maneira tão diferente? A própria avó explica à Irene que Curdie não a viu, porque ela não queria que o menino a visse pois ele ainda não estava pronto para acreditar em certas coisas, afinal

<sup>7</sup> “big, bare, garret-room- -like the one in mother's cottage, only big enough to take the cottage itself in, and leave a good margin all round”

<sup>8</sup> “and a ray of sunlight coming through a hole in the middle of the roof”



“ver não é acreditar – é apenas ver” (MACDONALD, 1920, p. 227). De acordo com a própria tetravó, Curdie ainda não conseguia acreditar nela pois ele ainda era “imaturado” ou, como MacDonald chama, “childish”. Irene, por outro lado, era “inocente” (“childlike”). O que é ser “inocente” e “imaturado”?

A “inocência”, aos olhos de MacDonald, é o acolhimento sem preconceitos da imaginação como meio de descobertas e conhecimento. Em seu livro de sermões *The Hope of the Gospel*, MacDonald escreve que

Parar de imaginar é como retroceder da inocência infantil para o lugar comum – o estado intelectual mais mundano que há. Nossa natureza nunca estará em paz enquanto estiver entre coisas que não são maravilhosas para nós. Se víssemos as coisas como geralmente as vemos – e um dia nós sempre as veremos, mas muito mais claramente – será que saberíamos o que é tedioso? (MACDONALD, 1892, p.58)<sup>9</sup>

Dessa forma, enquanto Irene se encontra na “inocência infantil”, Curdie está no “lugar comum”, nesse “estado intelectual mundano” que não permite que ele veja a avó ou compreenda os meios pelos quais ela age. A inocência de Irene é colocada à prova diversas vezes como quando, por exemplo, ela tenta encontrar a avó, mas as escadas escondidas para a torre acabam levando-a para as cozinhas – o que não deixa a menina completamente triste, mas a faz se perguntar se o encontro com a velha senhora havia sido um sonho. A menina é desmotivada não só por seus pensamentos, mas também pelas pessoas a quem conta sobre o que/quem encontrou na torre – como quando conta à Lootie, à babá, ou ao seu pai ou à Curdie. Mesmo com esses questionamentos, a menina não deixa de ter esperanças de que a avó é real e, em seu segundo encontro, a mulher explica à menina o motivo de não a ter encontrado antes era porque Irene achava que ela podia ser um sonho, mas adiciona um motivo maior: “Eu não queria que você me encontrasse” (MACDONALD, 1920, p.115)<sup>10</sup> – a mesma explicação dada quando Curdie não consegue vê-la. Percebemos, então, que não é por enxergar a avó que Irene acredita que ela existe, mas sim por causa de sua capacidade de percepção quanto ao que é

---

<sup>9</sup> “To cease to wonder is to fall plumb-down from the childlike to the commonplace – the most undivine of all moods intellectual. Our nature can never be at home among things that are not wonderful to us. Could we see things always as we have sometimes seen them – and as one day we must always see them, only far better – should we ever know dullness?”

<sup>10</sup> “I didn’t want you to find me.”



maravilhoso, a sua qualidade “inocente”. Curdie, por sua vez, apenas consegue “ver” a avó quando Irene está em perigo e ele precisa salvá-la. A partir das sugestões adequadas, Curdie começa o processo de transformação de “imaturidade” para “inocência”.

As únicas pessoas, então, que têm acesso à torre da avó são Irene, Curdie – embora ele não tome a torre como ela *realmente* é –, e a própria avó. É esta última, porém, a única que habita, de fato, esse espaço que, não é coincidência, é a área mais elevada da casa de campo. A posição física que ocupa indica também a sua posição espiritual – é a tetravó, afinal, que possui um conhecimento universal, assim como um narrador onisciente: ela sabe de tudo o que já aconteceu, acontece, e vai acontecer durante a narrativa. Enquanto algumas análises comparam a avó<sup>11</sup> com Deus, nosso entendimento é que ela é a personificação da Natureza, pois é recorrente nos ensaios MacDonald a exaltação na natureza. De acordo com ele, é o contato com ela que permite o conhecimento, como ele sugere em seu ensaio “The fantastic imagination”, a natureza é “criação do temperamento, provocadora de pensamento: assim como a sonata, assim como os contos de fada devem ser” (MACDONALD, 1893, p.320)<sup>12</sup>. O filósofo Jacques Rousseau, inclusive, compartilha da opinião de MacDonald quanto à importância que o contato com a natureza tem na formação de uma criança, pois “Ela exercita continuamente as crianças; ela enrijece seu temperamento mediante experiências de toda espécie; ela ensina-lhes desde cedo o que é pena e dor” (ROUSSEAU, 1979, p.20). A compreensão de que a avó representa a Natureza é reforçada nas descrições presentes em *A princesa e goblin*, nas quais o narrador utiliza metáforas e comparações com a natureza, como quando a mulher usa vestidos da cor do céu, seus cabelos caindo como cascata, os chinelos que pareciam o universo.... Irene é a única que, ao visitar a torre, consegue ver todos esses belos elementos, graças ao seu espírito inocente, que à aproxima da tetravó.

As áreas comuns da casa de campo é o próximo espaço a ser comentado. Embora seja a área habitada por Irene, a menina claramente prefere a companhia da avó – quando não está com ela, sonha acordada com a próxima vez que poderá encontrá-la. Poderíamos dizer, então, que a casa de campo não é tão lar da princesa quanto o é para a sua babá. Lootie não acredita em Irene quando esta lhe conta sobre a avó na torre. Ao insistir no porquê a babá não acredita nela, Irene é respondida com “Porque eu não consigo acreditar em você” (ibid, p.27). Nem toda

---

<sup>11</sup> Algumas obras infantis de MacDonald possuem personagens muito semelhantes à avó de Irene – em *At the Back of the North Wind* e “The Golden Key”, por exemplo, há mulheres mais velhas muito sábias que auxiliam os protagonistas em suas jornadas.

<sup>12</sup> “mood-engendering, thought-provoking: such ought the sonata, such ought the fairytale to be”

criança ficaria satisfeita com essa resposta, mas Irene sim, afinal não se pode forçar alguém a acreditar em algo que não consegue – assim como com Curdie. Novalis, grande inspiração para MacDonald, diz que “uma criança é o amor visível” (NOVALIS, 2007, p.12) e a compreensão de Irene nessa situação reforça essa afirmação, pois a natureza inocente da menina é livre de julgamentos e repleta de benevolência, aberta para aprender o que consegue e pronta para ensinar o que pode. Assim, a casa de campo, embora seja o espaço mais próximo à torre da avó, não é tão especial, pois abriga aqueles que ainda não estão prontos para compreender a realidade que apenas aqueles com o olhar da inocência conseguem. A própria avó, ao ser questionada por Irene por que Lottie não acreditara nela, diz que ela já sabia que Lottie não acreditaria e que, mesmo se ela subisse à torre e “ me visse sentada aqui fiando, ainda assim ela não acreditaria [...] ela iria esfregar os olhos, e iria embora e se sentiria meio estranha, e esqueceria quase tudo, e diria que tudo havia sido um sonho [...] quase como você [Irene], mas nem tanto assim; pois você voltou; e a Lottie não teria voltado” (MACDONALD, 1920, p.115)<sup>13</sup>

**Imagem 6 – Ilustração presente na edição de 1911 da Blackie & Sons (3)**



Fonte: MACDONALD, 1911, p.16

<sup>13</sup> “see me sitting spinning here, she wouldn't believe me either [...]. She would rub her eyes, and go away and say she felt queer, and forget half of it and more, and then say it had been all a dream [...] a good deal like you, but not just like you; for you've come again; and Lottie wouldn't have come again”.

**Imagem 7 – Ilustração presente na edição de 1911 da Blackie & Sons (4)**

Fonte: MACDONALD, 1911, p.41

O terceiro espaço presente na narrativa é o chalé da família de Curdie. Embora seja o lugar mais próximo às minas habitadas pelos goblins, é um local tão aconchegante e afetuoso quanto a torre da avó. Após fugir dos goblins e ser acolhida no chalé, Irene faz essa associação ao dizer à Curdie que a mãe dele havia cuidado tão bem dela quanto sua tetravó. Em outro momento da narrativa, Curdie conta a seu pai que estava guardando dinheiro para presentear a mãe com uma saia quente, pois ela merecia por fazer tanto por eles, como vemos nesse trecho:

A Sra. Peterson era uma mãe tão legal e boa! Todas as mães são legais e mas ou menos boas, mas a Sra. Peterson era legal e boa para mais e não para menos. Ela fazia e mantinha um pequeno paraíso naquele pobre chalé bem ao pé da montanha para onde seu marido e filho pudessem ir depois de sair daquela terra funda e deprimente na qual eles trabalhavam. (ibid, p.123)<sup>14</sup>

<sup>14</sup> “Mrs. Peterson was such a nice good mother! All mothers are nice and good more or less, but Mrs. Peterson was nice and good all more and no less. She made and kept a little heaven in that poor cottage on the high hillside for her husband and son to go home to out of the low and rather dreary earth in which they worked”.

O narrador também comenta que não saberia dizer quem era mais feliz: Irene nos braços de sua avó, ou Curdie e seu pai nos braços da Sra. Peterson, pois embora esta não fosse tão delicada e nobre quanto àquela, era justamente seu trabalho duro para com sua família que a fazia tão boa e parecida com a avó. Não era apenas em seus cuidados que a mãe de Curdie se assemelhava à avó, mas também em seu espírito inocente. Diferente de Lootie – que morava muito próxima à avó, mas não acreditava naquilo que não conseguia ver –, a Sra. Peterson, que vivia mais próxima aos goblins, não apenas acreditava, mas também já tivera uma experiência em que a avó a ajudara a fugir de goblins que a perseguiram. Poderíamos dizer, então, que os espaços nos quais Lootie e a Sra. Peterson estão não condizem com sua espiritualidade, até mesmo que estão trocados. Isso aponta para uma questão importante: o lugar em que se está não determina, necessariamente, seus ideais e crenças.

**Imagem 8 – Ilustração presente na edição de 1911 da Blackie & Sons (2)**



Fonte: MACDONALD, 1911, p.281

Por último, temos as minas habitadas pelos goblins. Em nenhum momento descobrimos a real origem desses seres. O que temos é a explicação do narrador, que diz que, descontentes com o governo do rei da época, seres que pareciam com os homens foram para os subterrâneos e, com o decorrer dos anos, esses seres mudaram física e intelectualmente, além de nutrirem um desejo de vingança contra às pessoas que viviam acima deles. Em um dos capítulos dedicados aos goblins, temos a versão deles sobre o que de fato aconteceu: eles dizem que foram expulsos da superfície, o que era uma injustiça pois eles haviam sido os primeiros habitantes daquela região. De uma forma ou de outra, as atitudes dos goblins – principalmente quanto aos humanos – mostram sua natureza imatura, seja quando perseguem os humanos apenas para atormentá-los, ou quando roubam seus produtos agropecuários.

**Imagem 9 – Ilustração presente na edição de 1911 da Blackie & Sons (5)**



Fonte: MACDONALD, 1911, p.77

**Imagem 10 – Pintura presente na edição de 1911 da Blackie & Sons (3)**

Fonte: MACDONALD, 1911, p.97

Comentamos anteriormente que a tetravó seria a personificação da Natureza – que permite um entendimento da realidade mais profundo daquele conhecido superficialmente pela sociedade. Não coincidentemente, ela habita o espaço mais alto presente na narrativa. Os goblins, por outro lado, vivem no espaço mais profundo, mais afastado da torre da avó. Ao considerar a distância física entre os habitats dos dois tipos de personagens, podemos supor que a natureza espiritual de um é o oposto da outra. Logo, enquanto a avó relaciona-se com a intuição, imaginação e percepção sem filtros da natureza, os goblins estão atrelados à verdade proveniente puramente da razão e ciência, sem margem para a criatividade e fantasia. Eles seriam, dessa forma, a personificação da Razão.

Devemos chamar a atenção para o fato de que a princesa Irene é a única personagem que consegue visitar os quatro espaços analisados neste trabalho. Entendemos que isso ocorre





devido à pouca idade da menina. Ora, Curdie também é jovem, mas não consegue visitar todos os espaços.

Na verdade, mencionamos que Curdie tem acesso as quatro áreas principais da narrativa: as minas dos goblins, o chalé, a casa de campo – quando a visita com Irene e depois quando participa da batalha contra os goblins – e a torre. A diferença é que, ao chegar na torre, Curdie ainda não está pronto para ver o que realmente existia lá. Lembremos que o menino já trabalha com seu pai nas minas: ele não possuía mais a liberdade de ser criança, já era um “homenzinho” que precisava ajudar a prover para a família. Irene, porém, era uma criança de oito anos sem preocupações; ela era, afinal, uma princesa. Assim, ela podia deixar-se ser criança. Essa permissão faz parte de sua natureza inocente, a qual mantém-se a mesma independentemente do espaço no qual se encontrava. O que ocorre, na verdade, é a experimentação de situações que lhe concediam crescer ainda mais dentro dessa natureza, tornando o vínculo com a avó ainda mais forte. Percebemos durante a narrativa, inclusive, as diversas semelhanças entre Irene e a tetravó: o nome, os cabelos loiros, as paredes dos quartos da mesma cor, e as joias em suas coroas e anéis. É importante frisar também que, embora as paredes fossem da mesma cor (azul) e as pedras preciosas fossem do mesmo tipo (opala de fogo), a qualidade das de Irene eram inferiores aos da avó: a pintura da parede de Irene não era tão bem feita, e sua pedra possuía vincos de outras cores. Essas diferenças mostram que Irene ainda não era tão inocente como poderia vir a ser.

## CONCLUSÃO

Neste artigo, abordamos uma característica predominante nas obras de George MacDonald – seja nos ensaios, sermões, romances e contos de fadas: a qualidade “childlike” ou, como traduzimos, a inocência infantil. Essa característica, de acordo com o autor, permite que uma pessoa consiga enxergar possibilidades de aprendizagem a partir de experiências e elementos presentes na Natureza, a partir da imaginação, possibilidades essas que não seriam possíveis enxergar apenas a partir da razão. MacDonald coloca no ensaio “The Imagination” que “nós ousamos afirmar que a imaginação verdadeira, inocente e humilde tem tal unidade com as leis do universo que ela possui em si mesma uma compreensão sobre a própria natureza das coisas” (MACDONALD, 1893, p.13), ou seja, as verdadeiras explicações para os fenômenos encontram-se na Natureza e sua compreensão a partir do olhar inocente.



Uma das maneiras que MacDonald utiliza para reforçar a natureza inocente ou imatura (“childish”) dos personagens é a partir dos espaços físicos que cada um ocupa na narrativa. A tetravó, figura que personifica o próprio conhecimento proveniente da Natureza, habita o lugar mais alto, a torre da casa de campo. A princesa Irene, por sua vez, é a única personagem que consegue transitar entre todos os espaços e ver a realidade verdadeira de cada um, o que mostra que ela é a personagem mais próxima da natureza inocente tão estimada por MacDonald. Curdie encontra-se entre a imaturidade e a inocência: embora consiga visitar todos os espaços da história, ele não consegue ver a avó e o belo cômodo no qual ela mora; ele vê apenas uma sala velha e suja. Porém, ao final da narrativa, ele consegue encontrar Irene graças ao fio mágico tecido pela avó, indicando que sua natureza está em processo de mudança. A mãe de Curdie e Lottie, a babá de Irene, também são personagens importantes que habitam espaços significativos: embora a primeira more em um chalé pobre, sua natureza é mais inocente que a de Lottie, que mora na casa de campo com a princesa. Lottie não consegue acreditar de nenhuma forma na velha mulher que mora na torre, enquanto a mãe de Curdie não apenas acredita, como também já diz ter passado por uma situação na qual foi ajudada por alguém a fugir dos goblins. Por fim, os goblins são os seres mais imaturos que encontramos na obra, habitando as profundezas das minas e buscando uma vingança vazia contra os humanos – vazia, pois eles querem apenas vê-los sofrer, sem nenhuma outra grande consequência benéfica proveniente dessa vingança.

Neste trabalho percebemos que, embora a análise com base religiosa seja recorrente e pertinente, devemos também levar em consideração os ensaios de George MacDonald e o que eles podem atribuir para os estudos dos romances do autor, principalmente as histórias infantis. Pode-se afirmar que a análise de *A princesa e goblin* a partir da relação entre inocência e imaturidade oferece a reflexão sobre como a Natureza e a sua aceitação pode influenciar o desenvolvimento do conhecimento e a percepção de mundo independentemente da idade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUDEN, W.H. Introduction *Visionary Novels of George MacDonald*. New York: Noonday Press, 1954.

ECO, U. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.



MACDONALD, G. \_\_\_\_\_. *The hope of the Gospel*. New York: D. Appleton and Company. 1892. Disponível em: <https://archive.org/details/hopeofgospel00macd/page/n6>. Acesso em: jan. de 2019.

\_\_\_\_\_. *A dish of Orts: Chiefly papers on the Imagination, and on Shakespeare*. London: S. Low, Marston. 1893. Disponível em: <https://archive.org/details/dishofortschiefl00macduoft/page/n10>. Acesso em: jan. de 2019.

\_\_\_\_\_. *The princess and the goblin*. Aberdeenshire Council. Disponível em: <<https://online.aberdeenshire.gov.uk/apps/ebooks/the%20princess%20and%20the%20goblin/index.htm>>. Acesso em: Nov. de 2018.

\_\_\_\_\_. *The princess and the goblin*. Philadelphia: J.B. Lippincott & Co: 1872. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=e749AAAAYAAJ&pg=GBS.PP6>. Acesso em: jun. de 2018

\_\_\_\_\_. *The princess and the goblin*. London and Glasgow: Blackie & Son Limited, 1911. Disponível em: <https://archive.org/details/princessgoblin00macd2>. Acesso em: jun. de 2018.

REIS, RICHARD H. *George MacDonald*. Twayne Publishers, Inc. New York. 1972.

ROUSSEAU, J.J. *Emílio ou da Educação*. Trad. Sérgio Milliet. 3º ed, São Paulo: Editora Difel, 1979.